

**EDUCAI VOSSOS FILHOS: A HISTÓRIA DA RACIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL TECNOLÓGICA (1930/1950) EM PELOTAS/RS**

***EDUCA A SUS HIJOS: LA HISTORIA DE LA RACIALIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN
PROFESIONAL TECNOLÓGICA” (1930/1950) EN PELOTAS/RS***

***EDUCATE YOUR CHILDREN: THE HISTORY OF RACIALIZATION IN
TECHNOLOGICAL PROFESSIONAL EDUCATION” (1930/1950) IN PELOTAS/RS***



Natália Garcia PINTO¹
e-mail: nataliag.pinto@gmail.com



Adriana Duarte LEON²
e-mail: adriana.adrileon@gmail.com

Como referenciar este artigo:

PINTO, N. G.; LEON, A. D. Educai vossos filhos: A história da racialização na educação profissional tecnológica (1930/1950) em Pelotas/RS. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023115, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.16945>



| Submetido em: 08/07/2022
| Revisões requeridas em: 25/01/2023
| Aprovado em: 10/05/2023
| Publicado em: 01/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas – RS – Brasil. Professora no Curso de Licenciatura em História à distância. Doutora em História (UFRGS).

² Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Pelotas – RS – Brasil. Professora junto ao Curso de Formação Pedagógica e junto ao Programa de Pós-graduação em Educação. Doutorado em Educação (UFMG).

RESUMO: O interesse pela discussão sobre as relações raciais entre sujeitos brancos e negros têm ganhado espaço em diversas áreas, na sociedade brasileira, desde o final dos anos noventa. No campo da história da educação muitas pesquisas têm versado sobre a diversidade racial dos grupos escolares, a discussão de ações afirmativas no ensino superior e debates sobre o repensar a escola como produtora ou reprodutora de mecanismos de desigualdades sociais e raciais. Através da pesquisa realizada, pelas imagens dos quadros de formatura, entendemos que o acesso à escola profissional era o elemento de coesão e de manutenção de poder da elite branca local e nacional. Isto é, mesmo que no período investigado os negros tivessem o direito de ter acesso a uma educação profissional, sua presença, ínfima, indica que era vedado através de discriminação ou de mecanismos que dificultassem a sua permanência nesse espaço escolar e profissionalizante.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Racismo. Branquitude.

RESUMEN: *El interés por la discusión de las relaciones raciales entre sujetos blancos y negros ha ganado terreno en varias áreas de la sociedad brasileña desde finales de la década de 1990. En el campo de la historia de la educación han sido muchas las investigaciones sobre la diversidad racial de los grupos escolares, la discusión de la acción afirmativa en la educación superior, los debates sobre si repensar la escuela como productora o reproductora de mecanismos de desigualdades raciales. Se concluye, a través de la investigación realizada, por las imágenes de las juntas de graduación, entendemos que el acceso a la escuela profesional fue el elemento de cohesión y mantenimiento del poder de la élite blanca local y nacional. Es decir, si bien en el período investigado los negros tenían derecho a acceder a una educación profesional, su presencia, que es mínima, indica que estaba prohibida a través de mecanismos de discriminación o mecanismos que dificultaban su permanencia en esta. escuela y espacio profesionalizador.*

PALABRAS CLAVE: Educación. Racismo. Blanquitud.

ABSTRACT: *Interest in the discussion of racial relations between white and black subjects has been gaining ground in several areas in Brazilian society since the late 1990s. In the field of the history of education, there has been a lot of research on the racial diversity of school groups, the discussion of affirmative action in higher education, debates on whether to rethink the school as a producer or reproducer of mechanisms of social and racial inequalities. It is concluded, through the research carried out, by the images of the graduation boards, we understand that access to professional school was the element of cohesion and power maintenance of the local and national white elite. That is, even if in the investigated period, blacks had the right to have access to a professional education, their presence, which is minimal, indicates that it was prohibited through discrimination or mechanisms that made it difficult for them to remain in this school and professionalizing space.*

KEYWORDS: Education. Racism. Whiteness.

Introdução

Após o fim da escravidão brasileira, o negro ficou à margem da sociedade e suas experiências e vivências ficaram por um indelével tempo associados apenas ao mundo do trabalho e não como agentes da escrita de sua própria história e da construção da cidadania do país (DOMINGUES, 2004). Eram considerados cidadãos de segunda classe, marginalizados pelo preconceito racial a serviço da dominação política, econômica e social da raça branca. Embora o racismo já tenha sido objeto de várias pesquisas no campo da história, consideramos pertinente abordar tal assunto no campo da educação no Brasil, pela própria lente do afro-brasileiro, pontuando uma história construída aos “rés-do-chão” (REVEL, 1998), dos subalternos e não etnocêntrica, em que o negro não é representado de forma estereotipada (ALBUQUERQUE, 2009).

O cenário de análise da pesquisa é a sociedade republicana de Pelotas. O município, é conhecido nacionalmente, no império, por ter unidades produtivas que se dedicavam à produção e exportação da carne salgada, denominada como charque, para todo o país. Os principais trabalhadores nesses estabelecimentos eram os escravizados negros. A luta pela liberdade não foi acionada e defendida pelos negros apenas na pós-abolição, mas no período da escravidão, em que lutaram por conquistar o papel de liberdade para si e seus familiares (PINTO, 2018).

No pós-abolição, a luta dos negros foi pelo reconhecimento da cidadania e por garantias de direito à educação. Na cidade de Pelotas, na imediata pós-abolição, os negros trabalhavam em diversos ramos da indústria, tais como fábricas de chapéus, cervejarias, sabão, velas e tantos outros estabelecimentos (LONER, 2016). A sociedade pelotense, segundo as pesquisas de Loner (2016), na República oligárquica, tinha um operariado negro expressivo, tendo associações negras operárias e sindicalistas, como também associações de sociabilidades, como os clubes carnavalescos, uma agremiação de futebol e a imprensa negra. Associações pautadas pela solidariedade dos “homens de cor”, em uma sociedade racializada, em que pese a luta contra o racismo, se faziam constantes no município pelotense.

Em Pelotas, no pós-abolição, nos demais jornais (fora da imprensa negra) que circulavam na cidade, os negros eram representados de maneira pejorativa e preconceituosa, sendo eles constantemente associados ao mundo da desordem, do crime e da embriaguez (LONER, 2016; OLIVEIRA, 2017). Os anseios da comunidade negra local não eram o ponto central desses periódicos. Em contrapartida, havia na sociedade investigada um movimento coletivo de homens de cor letrados, através da publicação do jornal *A Alvorada* que, antes de tudo, era um veículo de comunicação cultural, articulação de ideias, reivindicação de um

segmento sem voz nem visibilidade e que também possuía a ideologia de um grupo específico (SANTOS, 2011). Uma das pautas do periódico era a bandeira da educação, na construção de um discurso que impulsionasse a comunidade negra a participar do processo de escolarização formal.

Essa investigação proposta abordou a relação entre a educação escolar profissional e a presença de estudantes negros na Escola Técnica de Pelotas, no período de 1930 a 1950, num momento histórico em que se trazia o bojo da discussão de ofertar uma educação na República brasileira para todos os cidadãos e, ao mesmo tempo, se tinha a preocupação de moldar o futuro trabalhador nacional com a oferta de cursos profissionalizantes pelo país. Nesse processo, a educação escolar e profissional era pautada como um caminho para a melhoria das condições sociais e econômicas das classes subalternas (CALDEIRA, 2020), tendo uma vasta disseminação de escolas técnico-profissionais sendo construídas no cenário brasileiro. Delimitamos o período analisado pelas seguintes circunstâncias: pelo fato de a Escola Técnica de Pelotas ter sido federalizada nesse processo da educação escolar e por apresentar uma variedade de documentos para serem analisados, tais como: boletins dos estudantes, fotos de estudantes, professores e técnicos da instituição e os quadros de formatura do curso de Técnico Industrial.

A investigação ora proposta está imbricada no projeto, *O Acervo Institucional Como um Espaço de Preservação da Memória da Educação Profissional e Tecnológica*, que tem o objetivo de analisar e resguardar a memória institucional, apresentando um catálogo identificando os documentos integrantes do acervo institucional, bem como socializar a análise desenvolvida na pesquisa em eventos acadêmicos da área da Educação. Este acervo é de suma importância para a construção da pesquisa proposta, mesmo não sendo possível mapear o perfil social e racial na documentação coligida. Assim sendo, pontuamos a importância do projeto para conhecermos mais um pouco da história da educação no Ensino Profissional e Tecnológico e quem fez parte dele. Além disso, o projeto tem a intenção de colaborar para a construção de uma sociedade mais democrática no embate de uma educação plural, emancipatória e antirracista (PINTO, 2020).

A principal fonte utilizada para a construção do nosso trabalho são os quadros de formatura do curso Técnico Industrial, uma vez que, pelas fotos do quadro, foi possível identificar o fenótipo dos alunos formandos e visualizar os nomes e o local de origem dos estudantes. Nas demais fontes consultadas, não foi possível identificar a cor dos estudantes, portanto, partimos a nossa análise dos quadros de formatura. Entendemos a produção desses

quadros de formatura como a materialização do saber escolar e profissionalizante entre uma pequena parcela do segmento de estudantes que frequentou a Escola Técnica Profissional. É a cristalização dos que conseguiram ter êxito em seus estudos. Nesse âmbito, pretendemos entender como a relação da educação escolar e profissional da população negra do município foi inserida ou não dentro da instituição investigada.

O interesse pela discussão sobre as relações raciais entre sujeitos brancos e negros vem ganhando espaço em diversas áreas, na sociedade brasileira, desde o final dos anos noventa. No campo da história da educação vem ocupando muitas pesquisas sobre a diversidade racial dos grupos escolares, sobre a discussão de ações afirmativas no ensino superior e sobre os debates acerca do repensar a escola como produtora ou reprodutora de mecanismos de desigualdades sociais e raciais. A inserção das reflexões expostas neste trabalho é oriunda de dar conta dessa área de saber que vem ganhando importância dentro da sociedade e dos grupos de trabalho de História da Educação. É um movimento de tentar mapear a presença de estudantes negros em uma instituição que surge com o propósito de ofertar uma educação profissional aos estudantes pobres da cidade de Pelotas.

Inicialmente, examinamos a história da educação e a população negra, refletindo sobre a emergência dos estudos que inserem os afro-brasileiros como sujeitos da educação escolar nesse campo de investigação. A seguir, apresentamos a metodologia utilizada para a realização do trabalho e debatemos com outros trabalhos acerca do tema. Além disso, apresentamos os dados da pesquisa desenvolvida e o contexto da instituição escolar investigada no passado de outrora. Finalmente, à guisa de conclusão, retomaremos esses resultados e discutiremos como eles podem contribuir para o campo da história da educação profissional.

A história da educação e as abordagens da história da população negra

A luta pela educação sempre foi uma pauta dos negros desde o tempo do cativeiro (FONSECA, 2004), e na República essa ação era “entendida como meio de afirmação social e de acesso à cidadania”. A experiência da liberdade inaugurada com o advento da República trouxe uma celeuma para os afrodescendentes, pois seria uma liberdade pautada pelo viés do racismo científico (SCHWARCZ, 1993), marcada pela diferenciação social. Nesse sentido, a educação foi um espaço racializado, em que uma minoria detinha o acesso ao letramento e à alfabetização e uma maioria de indivíduos marcados pelo fenótipo e pela cor da pele era alijada do processo de educação. Caberia ao Estado brasileiro ofertar educação pública e de qualidade

para todos os cidadãos; todavia, na República oligárquica brasileira, a liberdade era negra, mas a cidadania era branca (ANDREWS, 2014). Então, se o Estado não cumpria o seu papel constitucional, caberia então às associações negras o engajamento na luta pela educação. Conforme apontam Gonçalves e Silva (2000), é no limiar do século XX que os movimentos sociais negros (imprensa negra, por exemplo) passam a reivindicar espaços políticos e sociais de direito:

O movimento criou suas próprias organizações, conhecidas como entidades ou sociedades negras, cujo objetivo era aumentar sua capacidade de ação na sociedade para combater a discriminação racial e criar mecanismos de valorização da raça. Dentre as bandeiras de luta, destaca-se o direito à educação. Esta esteve sempre na agenda destes movimentos, embora concebida com significados diferentes: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho, ora como veículo de ascensão social e, por conseguinte, de integração, ora como instrumento de conscientização por meio da qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura do seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 139).

A historiografia educacional mais tradicional, quando abordava o negro nos seus processos de aquisição de conhecimentos, era de forma estigmatizada e pejorativa. Essas interpretações negavam todos os mecanismos de resistência criados por eles ao longo da história, inclusive nas questões que alcançavam o recorte educacional. Dessa forma, a história da educação dos negros era um campo não consolidado, esquecido tanto entre os pesquisadores da Educação, como entre os que se dispunham a compreender o processo que envolvia as relações sociais no país. A escolarização da comunidade negra era relegada a um segundo plano, o que refletia a história da educação brasileira como um espaço de privilégio da classe branca, constituindo um espaço de branquitude (CARDOSO, 2014).

A respeito do assunto, Pinto (1987), em seu texto “*A educação do Negro – uma revisão bibliográfica*”, publicado nos Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, em 1987, conseguiu identificar apenas alguns indícios e interpretações quase que exclusivamente restritas à delimitação de autores que trabalhavam com as questões sociológicas da escravidão brasileira. Também foi possível descortinarmos a possibilidade de estudos envolvendo novas vertentes investigativas, ampliando as perspectivas que, quase sempre, estavam sendo veladas nas discussões e nos embates em torno do negro e sua inserção no campo da história da educação brasileira.

Salientamos que no início dos anos 2000 há uma revirada na historiografia da história da educação dos afro-brasileiros, especialmente porque os próprios negros começaram a clamar por uma história mais plural e não etnocêntrica, e se inicia um movimento de produção historiográfica realizada por pesquisadores negros e por acadêmicos também interessados na temática e na construção de uma história não única. Em seu texto *História da educação: uma abordagem sobre a escolarização de afro-brasileiros*, publicado na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), Santos (2000) salienta que as primeiras pesquisas desenvolvidas sobre a educação dos afro-brasileiros foram elaboradas pelos próprios negros, que cansados de serem discriminados socialmente, resolveram ir à luta.

Um exemplo dessa renovação historiográfica é o trabalho de Marcus Vinicius Fonseca (2004) em seu artigo “*Escolas para crianças negras: uma análise a partir do congresso agrícola do Rio de Janeiro e do congresso agrícola do Recife, em 1878*”, publicado nos Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação em 2004, em que notou uma vinculação entre educação e trabalho agrícola nas propostas dos proprietários de terras e parlamentares que participaram dos eventos e atuaram a favor da construção da Lei do Ventre Livre de 1871. Uma vez sancionada a lei, era preciso discutir o destino das crianças nascidas livres de mães escravizadas. Em relação à proposta educacional para essas crianças, os congressistas do Recife concluíram que deveriam ser criadas escolas agrícolas que transformassem ingênuos em trabalhadores úteis e onde pudessem ser educados conjuntamente com órfãos. Além disso, reivindicavam que o governo assumisse a responsabilidade pela educação dos ingênuos e pela indenização dos proprietários, criando escolas voltadas para a realização de uma educação útil a uma ordem fundamentada nas atividades agrícolas.

Em concordância com essa perspectiva, Surya Aaronovich Pompo de Barros (2005) verifica que a existência de escolas noturnas, clubes e espaços educativos diferenciados para instruir os negros não foram deixados de lado por esta produção bibliográfica em ascensão. Apesar disso, é possível salientarmos que ao contrário das outras dimensões da historiografia brasileira, “que passaram por um intenso processo de revisão acerca das suas formas de entendimento e tratamento da população negra, a história da educação continua produzindo interpretações que reafirmam a visão tradicional deste grupo na história” (FONSECA, 2004, p. 10). Nessa perspectiva, é papel do pesquisador empreender esforços a fim de dar visibilidade aos indivíduos negros, em especial às crianças negras que, durante muito tempo, ficaram obscurecidas nas pesquisas históricas tradicionais. Em suma, a pesquisa visa ancorar-se nos debates em torno da questão da educação do negro no país, mais especificamente no campo da

educação e do Ensino tecnológico profissional, para refletir sobre o perfil dos estudantes na instituição investigada, como também analisar sobre questões relativas à escolarização e à educação dos afro-brasileiros, sob o ponto de vista da história social do pós-abolição e da história brasileira da educação profissional.

Procedimentos Metodológicos

Como já exposto, o objetivo do trabalho é investigar o tema sobre a História do negro na Educação Profissional pelotense de modo qualitativo em um movimento mais amplo de renovação do campo da história da educação. Metodologicamente, utiliza-se a análise documental. O objeto central de interesse é a produção de distintos documentos sobre a educação e os estudantes da escola profissional e tecnológica (livros de atas, fotografias, livro de matrículas, fichas de alunos, diários, jornais), bem como a própria problematização do contexto histórico que as fontes permitiram na construção da pesquisa.

A investigação da documentação custodiada pela instituição é tomada por estas historiadoras da educação como documento/monumento (LE GOFF, 2003), em que a história deixada nos vestígios documentais não é analisada pela ótica da passividade, mas sim de uma “história-problema” (BLOCH, 2001), em que o historiador problematiza a sua fonte por intermédio de questionamentos da realidade que almeja estudar. É notório que tal análise deve vir eivada de uma postura crítica para investigar o documento, visto que o “documento não fala senão quando se sabe interrogá-lo” e, além disso, “é a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado” (BLOCH, 2001, p. 8).

Nesse âmbito, o documento/monumento é entendido nesta pesquisa pelo foco da crítica do documento e de que maneira essa produção da memória cristalizada na documentação foi produzida e preservada pela instituição investigada. Isto é, o que de fato os grupos que produziram essa fonte objetivavam constituir e qual imagem queriam deixar registrada ao longo do tempo. Partindo da concepção de que o conhecimento produzido no passado ou sobre esse é condicionado pelas perguntas que fazemos às fontes coligidas. Acreditamos que ao tomar de empréstimo o conceito de documento/monumento, conseguimos investigar a realidade daqueles que tiveram acesso à educação profissional e tecnológica, ou seja, o perfil social e racial dos indivíduos. A intervenção que realizamos na fonte não é ingênua e sem criticidade. A respeito disso, Le Goff (2003) pontua que:

A intenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-os aos outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da época e de sua organização mental, insere-se numa situação inicial ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

É necessário desmontar o documento para elaborar um campo de memória do que está sendo investigado, pois não existe um documento objeto em si. Cabe ao historiador esmiuçá-lo de interrogações, pois o documento não é o feliz instrumento de uma história que seja, em si própria e com pleno direito, *memória*. Nesse sentido, ao desvelar os quadros de formatura como um documento/monumento carregado de simbologias de memórias, foi possível verificar as marcas, isto é, as características fenotípicas da cor dos formandos. A marca latente que vem à tona nos quadros observados foi a desigualdade racial dos formandos em questão, visto uma supremacia de estudantes homens e brancos expostos no quadro em detrimento de uma minoria de estudantes negros que conseguiram se formar no curso de Técnico Industrial da Escola Técnica de Pelotas. Ao todo, foram observados quatro quadros de formatura durante o período de nossa análise. Optamos por trabalhar apenas com um dos quadros devido à qualidade das imagens para identificar os sujeitos ora investigados.

A instituição e seus alunos

A instituição em voga analisada surge na República com o intuito de ofertar uma educação profissional aos estudantes menos favorecidos da cidade. Há uma preocupação das elites políticas brasileiras de educar o trabalhador nacional, especialmente em uma conjuntura de transição da mão de obra escravizada para a do trabalhador livre. Para Pandini (2006), a necessidade de moldar esse trabalhador brasileiro para a educação profissional se deve:

Qualificar o trabalho e formar o futuro trabalhador tornavam imprescindível desenhar espaços em que se pudesse ofertar uma educação profissional compatível com os anseios de formação da Pátria, pautada na civilização, na ordem e no progresso (PANDINI, 2006, p. 33).

A Escola Arte e Ofícios, investigada, que por vários decretos após a sua construção e instalação passa a se chamar Escola Técnica Federal de Pelotas, nasce com esse discurso de

progresso, de educar o novo trabalhador, além de pontuar a moralidade, o ideal nacional do novo trabalhador. O discurso desses estabelecimentos era de educar profissionalmente os jovens pobres da sociedade, os tirando da marginalidade e dos vícios. É de salientar que as autoridades educacionais e as elites brasileiras almejavam que as classes populares ocupassem determinado lugar no mundo do trabalho, ou seja, uma educação dualista em que os trabalhadores pobres executassem profissões de cunho mais técnico (sem questionar o sistema), e os filhos das classes abastadas ficassem com profissões mais intelectualizadas e de maior prestígio social, afinal cabia a eles pensar o projeto político e social do país mantendo o status quo preservado. Nesse âmbito, segundo Manfredi (2002), as escolas de Arte e Ofício surgem com:

A finalidade educacional das escolas de aprendizes era a formação de operários e de contramestres, por meio do ensino prático e de conhecimentos técnicos transmitidos aos menores em oficinas de trabalhos manuais e mecânicos mais convenientes e necessários ao Estado e a Federação em que a Escola funcionasse, consultando quando possível, as especialidades das indústrias locais. Como parte integrante de cada escola de aprendizes e artificieis, forma criados cursos noturnos e obrigatórios, um curso primário (para analfabetos) e outro de desenho (MANFREDI, 2002, p. 83-84).

Com o decreto municipal de número 1.795, em março de 1930, a Escola de Artes e Ofícios na cidade de Pelotas passa a se chamar Escola Técnica Profissional. Segundo Meireles (2007), a escola deveria ofertar uma educação gratuita aos pobres que “preenchessem as condições estabelecidas” para ter acesso ao ensino e à educação técnico profissional. Notório destacar que apenas os meninos poderiam cursar o educandário (MEIRELES, 2007), os quais após a formação adquirida poderiam encontrar um trabalho no mundo do trabalho e “ser úteis à sociedade” (MEIRELES, 2007, p. 30). Além disso, a autora frisa que:

A escola funcionava em regime de externato e só eram admitidos alunos do sexo masculino. O ingresso ocorria, inicialmente, num curso de adaptação, com duração de dois anos. Depois, o aluno iniciava o curso técnico-profissional, escolhendo a área, denominada secção, que lhe conviesse, conforme suas aptidões. No último ano, fazia uma especialização na área. Com isso, a duração total do curso era de seis anos (MEIRELES, 2007, p. 30).

Roschild (2021), em *A Escola de Artes e Ofícios de Pelotas e o Ensino Técnico Profissional (1917-1930)*, pontua de maneira indelével pela análise de imagens de estudantes no início do educandário a presença de alguns alunos negros. Seguindo a análise de Adriana Roschild (2021), ao localizar um ínfimo número de estudantes nas fotografias, aponta que a

Escola de Artes e Ofício se constituiu como um espaço racializado e de branquitude, o qual estava direcionado para o pobre desvalido de tez branca.

No desejo de desvelar mais sobre a história e dos estudantes da Escola Técnica Profissional de Pelotas, damos continuidade à busca de indícios da presença de estudantes negros nesse espaço de ensino. Todavia, alertamos que, embora tenha sido uma jornada com muitas expectativas, não conseguimos atingir todas elas. Nos livros consultados a respeito das notas dos estudantes, a cor nunca era informada pelo docente responsável pela disciplina técnica ou propedêutica. Mas chamou a atenção das pesquisadoras na Escola Técnica Profissional (atualmente Instituto Federal Sul-rio-grandense), a existência de muitos quadros de formatura dos diferentes cursos de estabelecimento nos corredores e espaços mantidos ainda hoje, no século XXI. São marcas do passado, são vestígios de quem construiu histórias e conquistas. De maneira silenciosa e quase despercebida, indicam presenças e ausências ao longo do tempo. É visível aos olhos que a grande maioria que estudou no período investigado na Escola Profissional Tecnológica de Pelotas foi o estudante branco, aparecendo em grande presença nos quadros de formatura. Os estudantes identificados com o fenótipo negro aparecem, porém de maneira pouco expressiva. Podemos observar a seguir pela imagem de um dos quadros de formatura essa constatação:

Figura 1 – Quadro de Formatura do Curso Técnico Industrial 1948



Fonte: IFSUL - Curso Industrial Básico Escola Técnica de Pelotas (1948)

Destaca-se uma presença maciça de estudantes do gênero masculino e de cor branca. O quadro é muito rico em detalhes e de símbolos do curso para os formandos. Cada quadro é singular, interagindo com seu contexto histórico específico de produção. É de se comentar que o quadro é um tanto difícil de ser fotografado devido à extensão que possui. Percebe-se, pela imagem, que é um quadro de madeira e com a bandeira brasileira no centro e ao redor os formandos trajados todos de terno. Elegantes para o momento da pose e da conquista de uma carreira profissional no município de Pelotas ou em outra localidade. Para Werle (2005), a conclusão de um curso é um acontecimento vivido por uma coletividade. Podemos problematizar que essa festividade estava calcada em elementos de pessoas brancas, em sua grande maioria, representadas nas paredes da instituição analisada. Com o fito de captar melhor a imagem a ser investigada, fotografamos algumas partes, contemplando os estudantes que foram identificados com a tez de cor negra no quadro ilustrado acima. Vejamos abaixo:

Figura 2 – Estudante Osvaldo Lourival Franco



Fonte: IFSUL - Curso Industrial Básico Escola Técnica de Pelotas (1948)

Figura 3 – Estudante Braz Vargas



Fonte: IFSUL - Curso Industrial Básico Escola Técnica de Pelotas (1948)

Figura 4 – Estudante Rui Alves



Fonte: IFSUL - Curso Industrial Básico Escola Técnica de Pelotas (1948)

Ao analisar essas imagens do quadro de formatura do Curso Básico da Escola Técnica de Pelotas, podemos inferir que os quadros de formatura assinalam um ato pedagógico das relações étnico-raciais dentro desse espaço de educação. É notório que a educação profissional nesta época e neste contexto estava idealizada para a população pobre, mas não qualquer estudante do sexo masculino, pois o elemento da cor pesava e saltava aos olhos dentro dessa instituição escolar.

Os quadros de formatura são o documento/monumento que abordamos nas linhas anteriores do trabalho. Como frisou Le Goff (2003), o “monumento” atesta para a sociedade da época, para as novas gerações e para as que permanecem na escola (ou irão ingressar), o sucesso da educação para alguns, não para todos, pelo menos, juntos aos distintos grupos de estudantes expostos no quadro observado. Ao menos para Rui Alves, Braz Vargas, Osvaldo Lourival Franco, não deve ter sido nada fácil ser representante de sua comunidade negra nesse espaço educacional e racializado. Uma maioria de estudantes brancos que conseguiam acessar o

ingresso à Escola Técnica Profissional não partilhava da mesma identidade de Braz, Osvaldo e Rui.

Como deveria ser o tratamento dado a eles dentro desse educandário? Não sabemos o que de fato ocorreu. Como bem elucidava a matéria do jornal da imprensa negra local, *Alvorada*, “**Educai Vossos filhos**”, alertando a comunidade negra local sobre a importância de seus filhos ocuparem os bancos escolares, todavia, ao que parece, as escolas do município e a Escola Técnica de Pelotas continuavam a reproduzir um racismo estrutural dentro dos espaços educacionais, pois a maioria que tinha direito à educação era uma parcela de estudantes brancos.

Considerações finais

Trata-se de uma pesquisa em História da Educação (com ineditismo), que pauta a presença de estudantes negros no processo de escolarização no âmbito da profissionalização técnica na Escola Técnica no município de Pelotas, entre 1930-1950, período este que contou com a influência do entusiasmo por parte do Estado brasileiro em “moldar” o trabalhador nacional. A partir das contribuições retiradas da historiografia e da análise dos quadros de formatura, chegou-se à possível conclusão de que o espaço de educação e profissionalização da Escola Técnica de Pelotas era pautado pela branquitude. Todavia, ressaltamos que apesar do espaço investigado ter uma predominância de estudantes brancos, constatou-se a presença de estudantes negros, a partir dos registros fotográficos dos quadros de formatura.

É possível afirmar que o acesso à escola enquanto uma educação voltada para o ensino técnico e profissional se dava de maneira diferente e desigual entre esse grupo de estudantes e o segmento de alunado branco. Examinou-se vários quadros do mesmo curso e o mesmo diagnóstico veio à tona: a expressividade de alunos de tez branca concluindo o curso profissionalizante. Contudo, a resistência presente entre os alunos que se formaram na turma do Curso Industrial do ano de 1948 mostra a ação dos sujeitos como Braz, Osvaldo e Rui, que consiste na ação e na busca desse segmento étnico-racial de escolarização e profissionalização na sociedade pelotense.

Nesse sentido, esses estudantes “*incomuns*”, como Osvaldo, Rui e Braz, negros que alcançaram patamares de escolarização profissional dentro da cultura letrada, não devem ser percebidos como casos excepcionais, mas que se inscreveram nos movimentos mais amplos de seu grupo social, que buscava, além da escolarização, uma profissão para angariar um futuro melhor para si e para os seus. Através da pesquisa realizada, entendemos que o acesso à escola

profissional era o elemento de coesão e de manutenção de poder da elite branca local e nacional. Isto é, mesmo que no período investigado os negros tivessem o direito de ter acesso a uma educação profissional, sua presença, ínfima, indica que era vedado através de mecanismos de discriminação ou de mecanismos que dificultassem a sua permanência nesse espaço escolar e profissionalizante. O acesso à educação profissional seria um elemento de diferenciação entre brancos e negros dentro e fora da instituição investigada.

Acreditamos que algumas hipóteses podem estar atreladas à essa questão, como uma possível discriminação ou diferenciação entre estudantes brancos e negros. Todavia, mesmo sem ter como comprová-las de fato, muitas dificuldades criadas no acesso dos estudantes negros estão alicerçadas no racismo estrutural presente na sociedade brasileira. A população branca é constituída estruturalmente como merecedora de privilégios, dentre eles, a educação, visto que o passado escravista ainda se faz presente na questão de pertencimento e direitos no Brasil enquanto sociedade.

Apesar de a população negra hoje ter maior expressividade, liberdade e possibilidades de se manifestar, o padrão hegemônico continua sendo o homem branco, rico, de olhos azuis, cabelo liso, magro, heterossexual, e os que estão fora dessa padronização enfrentam discriminações e preconceitos, ou no máximo são tolerados. Desde o momento em que se pretende fazer uma história que tenha significado, utilização ou comprometimento político, só se pode fazê-la corretamente sob a condição de que se esteja ligado, de uma maneira ou de outra, aos combates desenrolados no domínio proposto. Mais do que desenvolver essa pesquisa sobre a identidade racial dos alunos no ensino profissional e tecnológico e seu processo educacional, o engajamento dessa investigação permitirá pautar a construção de uma educação antirracista e democrática, preceitos tão ímpares para a instituição analisada.

À guisa de conclusão, mesmo ressaltando a dominação branca sobre a população negra no que tange ao acesso à educação profissional, procuramos demonstrar também que mesmo com todos os reveses do racismo estrutural, na perspectiva da história da educação, as resistências presentes nos nomes ovacionados de Oswaldo, Braz e Rui, enfatizam a agência desses personagens históricos que conseguiram acessar a educação escolar e profissional desbancando um pouco os índices de inferioridade e desigualdade dentro da sociedade racista brasileira. Eles foram e são resistências para os outros estudantes que acessam (e irão acessar) esse educandário no município. A exposição das fotos dos estudantes negros e nomeá-los dentro da pesquisa se dá no intuito de pluralizar histórias, pois como destaca Adichie (2019):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBUQUERQUE, W. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANDREWS, G. R. **América Afro-latina: 1800-2000**. São Paulo: EDUFSCAR, 2014.
- BARROS, S. A. P. **Negrinhos que por ali andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920)**. 2005. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BLOCH, M. **Apologia da História: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CALDEIRA, J. **A infância desvalida institucionalizada em Pelotas: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – década de 1910 e 1940**. 2020. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2020.
- CARDOSO, L. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. 290. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2014.
- DOMINGUES, P. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.
- FONSECA, M. Escolas para crianças negras: uma análise a partir do congresso agrícola do Rio de Janeiro e do Congresso agrícola do Recife, em 1878. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2004. Tema: A educação escolar em perspectiva histórica.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. Movimento Negro e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 15, n. 15, p. 134-158, 2000.
- LE GOFF, J. Documento/monumento. In: LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003. p. 525-541.
- LONER, B. A. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande**. 2. ed. Pelotas, RS: Ed. UFPEL, 2016.
- MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MEIRELES, C. M. S. **Das Artes e Offícios à Educação Tecnológica: 90 anos de História**. Pelotas, RS: UFPel, 2007.

OLIVEIRA, Â. P. **A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso Exemplo e A Alvorada – 1920-1935**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2017.

PANDINI, S. **A Escola de Aprendizizes Artífices do Paraná: “Viveiro de homens aptos e úteis” (1910-1928)**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

PINTO, N. G. **“Campanha Pró-Educação”**: a luta pela alfabetização e a instrução nas páginas do Jornal A Alvorada (1933-1936). 2020. 31 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Formação Pedagógica para Graduados Não-Licenciados) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, RS, 2020.

PINTO, N. G. **Gerações de senzalas, Gerações de liberdade**: experiências de liberdade em Pelotas/RS, 1850-1888. 2018. 253 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PINTO, R. A educação do negro: uma revisão bibliográfica. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 62, p. 3-34, ago. 1987.

REVEL, J. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1998.

ROSCHILD, A. B. **A escola de Arte e Ofícios de Pelotas/RS e o Ensino Técnico Profissional (1917-1930)**. 2021. Dissertação (Mestrado/Doutorado Profissional) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, RS, 2021.

SANTOS, J. A. **Prisioneiros da História**: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Tese. 2011. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, M. **A história da educação**: uma abordagem sobre a escolarização de afro-brasileiros. Caxambu, MG: ANPED, 2000.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

WERLE, F. O. C. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPED, 2005.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: É uma pesquisa histórica que utiliza de fontes documentais cedidas pela instituição pesquisada e por isso não precisa passar pela comissão de ética.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis na instituição Instituto Federal Sul-riograndense (IFSUL), campus Pelotas, Praça 20 de novembro, no Acervo Institucional do educandário.

Contribuições dos autores: **Natália Garcia Pinto** contribuiu com suas reflexões sobre racismo, racialização e branquitude no campo da História da Educação. **Adriana Duarte Leon** contribuiu com seu aporte teórico e metodológico sobre a História da educação na historiografia sobre a questão do negro na educação.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

